
As cicatrizes e as sequelas da facada: análise da fotografia de Jair Bolsonaro registrada por João Menna¹

Gabriela Clara GOMES²

Lisley Helena Silva CRUZ³

Mayra Regina COIMBRA⁴

Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, MG

Resumo:

A fotografia tornou-se um poderoso instrumento do jornalismo, utilizada como evidência irrefutável da informação. Entretanto, em uma realidade na qual o poder da notícia não é mais exclusivo dos jornalistas, essa suposta objetividade imagética pode ser posta em xeque, principalmente quando está atrelada a interesses políticos e socioeconômicos. O presente artigo busca compreender a fotografia de João Menna, fotógrafo, registrada no ano de 2023 onde o ex-presidente Jair Bolsonaro expõe as cicatrizes da facada da qual foi vítima em 2018, a partir da teoria de Barthes. Nessa abordagem metodológica será observado e analisado o *Operator* (quem fotografa), o *Spectrum* (o fotografado) e o *Spectator* (público receptor).

Palavras-chave: Fotografia; Política; Jair Bolsonaro; João Menna; Jornalismo.

Introdução

Durante muito tempo, as divindades eram suficientes para explicar e, de certa forma, racionalizar os acontecimentos e o cerne da vida humana. Na religião, os homens encontraram instrumentos de sabedoria e justificativa para questões banais e complexas da existência. Entretanto, o advento da modernidade trouxe consigo um processo chamado por Weber (1904) de “desencantamento do mundo”. A partir de tal fenômeno, os deuses se tornaram insatisfatórios para responder aos questionamentos dos indivíduos em sua totalidade. Via-se, aí, uma transformação na lógica da vida social e inserção de outras entidades no processo de significação do mundo.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), email: bielago@gmail.com

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), email: silvalisleyhelena@gmail.com

⁴ Professora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), email: mayrarcoimbra@gmail.com

Os meios de comunicação se tornaram peça-chave de tal processo. Desde acontecimentos cotidianos a situações herméticas que enlaçam política, sociedade, cultura e economia: tudo o que, aparentemente, diz respeito ao ser humano, vira pauta. O jornalismo se tornou a instituição responsável por reunir, organizar e repassar todas essas informações ao público, sob um lema intrínseco da objetividade como compromisso ético dos profissionais da comunicação.

As tentativas teóricas de explicar o funcionamento da atividade jornalística são plurais e, vez ou outra, se contrariam em questões centrais da discussão. A Teoria do Espelho, por exemplo, surgiu para contrariar o sensacionalismo literário e carregava a ideia do jornalismo sendo o puro reflexo da realidade. Por outro lado, a Teoria Gatekeeper coloca o jornalista como ‘guardião’ da informação, controlando tudo aquilo que é, ou não, noticiado.

Embora a fotografia possa ter sido inserida como instrumento no fazer jornalístico, reforçando essa ideia de informações concretas, a objetividade ainda pode ser posta em xeque. Para Barthes (1984), engana-se quem pensa na fotografia como cópia fiel da vida, ou, trazendo para o universo da comunicação, ‘espelho’ da realidade. À primeira vista, o registro fotográfico é o que é, e nada mais. Porém, o sociólogo oferece uma nova perspectiva quando diz que “Perceber o significante fotográfico não é impossível (isso é feito por profissionais), mas exige um ato segundo de saber ou reflexão”. (Barthes, 1984, p.15). Nesse sentido, compreender a mensagem por trás de uma foto carece da análise de uma série de fatores e de total contextualização do momento e, nesse caso, de seu emprego enquanto elemento do jornalismo.

É importante destacar aqui que o advento tecnológico da atualidade capacitou a todos como donos da informação, retirando o jornalismo de seu trono em um poderio monárquico. Agora, basta a câmera e as redes sociais para que uma suposta matéria, registrada por qualquer pessoa, tenha a capacidade de alcance mundial e culmine em consequências multifacetadas. É esse o caso do retrato, feito pelo fotógrafo João Menna, em 2023, do ex-presidente Jair Bolsonaro, no qual ele expõe as suas cicatrizes, frutos da facada sofrida, no ano de 2018.

Tendo sua imagem sempre construída em torno de polêmicas, Bolsonaro foi um dos lados da grande polarização política que tomou conta da sociedade brasileira nos últimos anos, e, que teve em 2018 um de seus capítulos mais importantes. O até então

candidato, que contava com 26 anos de congresso e carregava o título de deputado federal mais votado no Rio de Janeiro em 2014, candidatou-se pelo Partido Liberal (PL). Apoiando-se em ideias de uma direita conservadora, Bolsonaro utilizou de pautas que atacavam os direitos de minorias sociais, com foco na comunidade LGBTQIA+, apresentava-se a favor da escola sem partido, liberação de armas, redução da maioria penal, entre outros tópicos polêmicos, para polarizar ainda mais a população.

Foi em meio a esse cenário que a “facada”, um dos acontecimentos mais marcantes desse período eleitoral, se deu. Jair Bolsonaro, durante um ato público de sua campanha, no mês de setembro de 2018, foi vítima de um ataque por faca, causado por um homem em meio a multidão, na cidade de Juiz de Fora - MG. O caso ficou em alta na imprensa e na *internet* por semanas. A partir desse momento, o ocorrido foi atribuído a narrativas diversas e opostas. Nessa época, Bolsonaro já liderava as pesquisas eleitorais, e com o episódio, passou a estampar jornais e a ganhar longos minutos de televisão.

Para além de todas as reviravoltas envolvendo a campanha eleitoral, o mandato de Bolsonaro também foi cercado de polêmicas de efeito significativo na política nacional. Embora tenha tentado a reeleição em 2022, o ex-presidente foi derrotado por Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Bolsonaro foi o primeiro presidente do Brasil a perder a disputa após a instituição da reeleição de 1997. Em junho de 2023, o ex-presidente foi declarado inelegível por oito anos pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). No mesmo dia, foi publicada uma fotografia em que expõe as cicatrizes no abdômen devido à facada. O autor da fotografia, João Menna, postou a imagem em seu Instagram e declarou apoio ao ex-presidente. A imagem em questão passou a circular, massivamente, em todas as principais redes sociais, captando potente visibilidade e contando com mais de 200 mil curtidas no *Instagram*. Indo ao encontro do pensamento de Guy Debord (1997) no qual os meios de comunicação advindos da produção industrial moderna agem como uma forma de substituição da vida concreta pela representação, a fotografia, agora, ganha espaço na espetacularização da sociedade.

Espelho do real ou passível a interpretações? Nesse artigo, a teoria de Barthes será utilizada para compreender os aspectos do retrato de Jair Bolsonaro, a partir dos pilares *operator* (quem fotografa), *spectrum* (o fotografado) e *spectator* (público receptor), de forma a perceber a fotografia como instrumento ideológico em potencial.

A mídia como construtora da realidade

Rodrigues (2001) traz importantes considerações sobre a relação dos meios de comunicação com a sociedade. Para ele, o campo dos *media* exerce, hoje, o papel de mediador social. Ele dá visibilidade a todos os outros campos sociais, seja ele a política, a religião, a ciência, a arte etc., e também a um grande universo de indivíduos. E mais do que dar visibilidade, ele contribui no processo de nortear a sociedade e dar sentido ao mundo por meio de sua prática.

O campo dos *media* [...] está estruturado e funciona segundo os princípios da estratégia de composição dos objetivos e dos interesses dos diferentes campos, quer essa composição prossiga modalidades de cooperação, visando, nomeadamente, o reforço da força da sua legitimidade, quer prossiga modalidades conflituais, de exacerbação das divergências e dos antagonismos (RODRIGUES, 2001, p. 152).

Eles desempenham papel estruturador na construção da realidade social ao determinar que assuntos são importantes e merecem atenção. O público não só toma conhecimento dos assuntos pelos *media*, como também percebe que importância deve dar a cada assunto, pela ênfase conferida por meio das narrativas e do que é narrado.

Entretanto, o campo dos *media* nem sempre ocupou esse espaço de centralidade na vida das pessoas. Nos séculos passados, o campo religioso é quem dava conta e era o principal responsável por explicar muitas coisas, como, por exemplo, a origem e a criação do homem. Ou seja, as narrativas divinas é que imputavam sentido à vida das pessoas. Porém, a modernidade trouxe uma inquietação e fez com que o homem começasse a buscar uma outra explicação, agora baseada na razão, rompendo, com as noções divinas, o que o autor chama de “secularização dos ritos sociais”.

Esse processo ganhou força quando o homem se “desencantou” com a realidade e passou a buscar respostas em uma razão humana para entender sua própria existência e a sua relação com o mundo. Surgiu, assim, um novo sujeito racional rompendo com a lógica religiosa. Esse sujeito assume sua nova identidade como produtor de discurso e de ação e vê na mídia um novo espaço, capaz de substituir a instância religiosa na tarefa de dar respostas e sentido sobre o que acontece no mundo.

Nesse sentido, segundo Rodrigues (2001), os meios de comunicação tornaram-se veículos formadores de opinião pública. Para o autor, o espaço público, então, acabou se tornando um espaço privado. A mídia apoderou-se da atividade de mediadora social e passou a organizar os espetáculos. O público deixou de ser sujeito formador de opinião

e se tornou um objeto na mira dos discursos da mídia. Quem antes era produtor de discurso passou, com a mídia, a ser consumidor de produtos discursivos. Portanto, a mídia ganhou legitimidade e substituiu a opinião pública tradicional. Ela passou a organizar os discursos, unificá-los e a tratar como verdade aquilo que ela produzia e dizia. Dessa maneira, conforme aponta Rodrigues (2001), o campo midiático transformou-se em uma instituição que abriga todos os outros campos sociais, sendo a função do primeiro de mediar os outros campos que recorrem a ela.

O poder da imagem na atividade jornalística

O jornalista sempre teve a função de transmitir as informações para o público de forma transparente. Durante muito tempo acreditou-se que o jornalismo era o espelho do real. Com o surgimento da fotografia, os jornais passaram a vivenciar cada vez mais o “mito da objetividade”. Isso devido às imagens funcionarem como supostas provas da realidade. Para Tuchman (1993), o jornalismo vivencia o mito da objetividade, a fim de resguardar dos perigos da profissão. A socióloga salienta: “os jornalistas invocam os procedimentos rituais para neutralizar potenciais críticas e para seguirem as rotinas confinadas pelos “limites cognitivos da racionalidade” (Tuchman, 1993, p.75).

A fotografia é uma imagem que pode ter vários significados e mensagens, principalmente quando associada a outros elementos. No jornalismo, normalmente as imagens são acompanhadas por legendas e textos. Esses tipos de registros imagéticos exercem grande papel no jornalismo, devido a ideia de credibilidade passada ao leitor. Apesar disso, Pacheco (2008) afirma que as mensagens fotográficas, além de denotativas, podem ser também conotativas, isso se deve as técnicas utilizadas na fotografia. Os tratamentos na imagem podem garantir um “valor artístico”, o que possibilita ainda mais o que ele chama de “processos de conotação”.

Barthes (1990) explica que a denotação refere-se ao “próprio conteúdo analógico”, ou seja, demonstra de fato o que foi fotografado. Já a conotação é o segundo sentido da mensagem fotográfica que existe devido às técnicas e/ou procedimentos da fotografia. Além disso, o autor afirma que o texto que acompanha a imagem normalmente tende a conotá-la.

A relação entre o texto e a imagem no passado e na atualidade, também é salientada por Barthes (1990). Para o autor, antigamente a mensagem principal

encontrava-se no texto, e a imagem funcionava como um tipo de ilustração. Esse modelo fazia com que o texto fosse um sentido conotado e precisasse da imagem para uma denotação. Na relação atual, esse processo se inverte.

Cada vez mais os meios de comunicação passaram a ocupar uma posição importante no cotidiano das pessoas. Esse campo desempenhava o papel de transmitir informação para a sociedade, porém, com o tempo passou a servir também entretenimento e até mesmo encenação. Desse modo, a mídia passa a acionar a chamada espetacularização. Esta tornou-se ainda mais frequente com o desenvolvimento das sociedades modernas, conforme Guy Debord (1997) explica em “A sociedade do espetáculo”. Schwartzberg (1977) explica que, esse processo de espetáculos não é exclusivo da era moderna, pelo contrário, ele sempre esteve na política.

Se pensarmos no papel das imagens na atualidade, nota-se que, em um movimento crescente, elas têm dominado a vida cotidiana. Um dos fatores que ampliaram a importância delas na sociedade foi o desenvolvimento das redes sociais. Uma imagem passou a valer muito mais que algumas palavras. Jornais migraram para espaços como o *Instagram*, em que o texto é minimizado diante da força e importância das imagens. Além do fato de que elas viralizam com uma facilidade e rapidez.

A sociedade do espetáculo de Debord (1997) consiste nessa possibilidade de mediação da vida social por imagens, que tem nas novas tecnologias engrenagens potencializadoras do sistema espetacular de alienação. Essa mediação ocorre mesmo com as imagens não vinculadas diretamente aos meios de informação. De qualquer modo, costumam causar impacto social. Isso deve-se ao fato de que as fotografias ganharam um valor eminente em relação a outros formatos de caráter informativo. "Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem" (Sontag, 1997, p. 9).

A internet com a rapidez de transmissão de informações, faz com que a visibilidade das imagens aumente, principalmente, quando os conteúdos têm relação com pessoas influentes. Santaella (2020, p.9) explica o funcionamento desse processo de disseminação de imagens por redes sociais, “[...] por imitação ou servidão voluntária àqueles que tomam seus mestres e senhores, são fortes adeptos das redes sociais, especialmente do *Twitter* e do *WhatsApp*, redes de compartilhamento breves e velozes”.

Além disso, as imagens nas redes sociais aproximam os personagens dos receptores, assim a capacidade de divulgação junto com os enunciados que acompanham as imagens, faz com que desenvolva ou até mesmo fortaleça um discurso. É nesse viés que Maranhão (2008) explica que as imagens quando detêm de outros elementos, elas dispõem de outra carga simbólica. Assim, elas perdem seus significados do enunciado simbólico inicial, e ganham outras atribuições, que nem sempre foram pensadas por quem produziu. Dessa forma, os discursos que se dão nos meios de comunicação em relação à fotografia em questão, podem ou não ter sido propositais.

Metodologia e Corpus de Análise

A semiótica é uma ciência que propõe o estudo da linguagem e a construção de sentidos derivados dos signos. No caso da fotografia, há um quê de diferença nesse aspecto semiótico, cujo questionamento fez com que Roland Barthes debruçasse-se sob ela, visando compreendê-la de perto. Embora, possa se apresentar, primeiramente, como uma mensagem objetiva, sem códigos a serem desvendados, Barthes vê na fotografia um objeto de estudo vasto e profundo. No jornalismo, as estratégias por trás da criação de uma imagem se potencializam e, cada detalhe, pode ser o suficiente para transformar toda uma mensagem.

Por um lado, uma fotografia jornalística é um objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas, que são outros tantos fatores de conotação; por outro lado, essa mesma fotografia não é apenas percebida e recebida, é lida, vinculada, mais ou menos conscientemente, pelo público que a consome, a uma reserva tradicional de signos. (BARTHES, 1990, p.14)

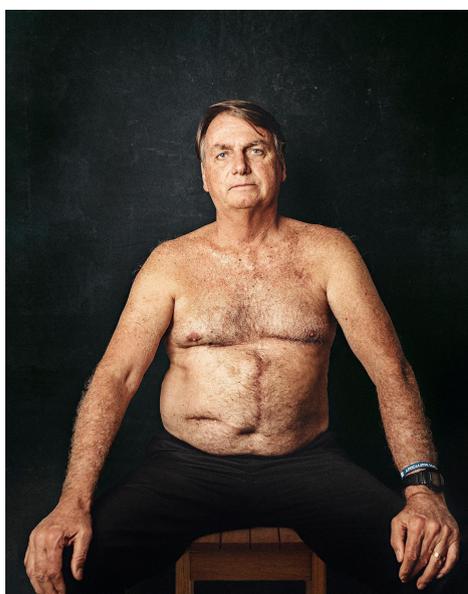
Dessa maneira, entende-se que a construção do significado da mensagem fotográfica é realizada tanto por quem a produz, quanto por quem a recebe, a partir de uma série de filtros relacionados às singularidades de cada uma das partes envolvidas. Para compreender esse processo, a semiótica barthesiana trabalha com uma série de conceitos, como a conotação e a denotação. Nesse raciocínio, tem-se no signo de uma fotografia, formado por um significante e significado, informações primárias e secundárias, ou seja, de sentido denotativo e conotativo.

Seguindo essa linha de pensamento, a fotografia apresenta uma imensidão de signos, promovendo a construção de uma mensagem com o potencial de guiar a

interpretação do público. De modo a complementar a análise, Barthes (1984) estabelece também uma tríade no que tange o processo fotográfico, partindo do ponto de vista do *operator*, do *spectrum* e do *spectator*.

Como objeto de análise deste artigo, o retrato do ex-presidente Jair Bolsonaro, registrado por João Menna, promove aspectos diversos para a criação de um produto jornalístico na união de interesses políticos e ideológicos. Para compreender as nuances de tal fotografia, a semiótica de Barthes entra por meio de sua tríade *operator*, *spectrum* e *spectator*, nesse caso, sendo: João Menna, Jair Bolsonaro e público receptor.

Figura 1: Retrato de Jair Bolsonaro



Fonte: João Menna, 2023.⁵

4.1. Do outro lado da lente: o fotógrafo

“Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exibir sua arte.” (Barthes, 1984, p.27). A partir de um olhar multifacetado sobre a fotografia enquanto mensagem, Barthes também utiliza da perspectiva do fotógrafo, chamado de *operator*, para captar a essência do material fotográfico. Ao

⁵ Disponível em:

https://www.instagram.com/p/CuIE6LIPron/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZ
Acesso em: 15 ago.2023.

analisar a fotografia da cicatriz de Bolsonaro, examinar o ponto de vista do retratista João Menna pode ser esclarecedor de diversas formas.

Os trabalhos de Menna ganharam destaque a partir da publicação do retrato do ex-presidente, em junho de 2023. Entretanto, o fotógrafo constrói sua carreira há alguns anos e já coleciona projetos marcantes, que atraem olhares e delineiam sua personalidade, enquanto profissional e enquanto cidadão. Aos 30 anos, ele tem como especialidade o desenvolvimento de estratégias de imagem e de posicionamento, descrevendo-se, em suas redes sociais, como um estudioso da semiótica, *branding* e arquétipos. Por meio da *internet*, o retratista expõe seus principais trabalhos no que tange o posicionamento de influenciadores e grandes empresários. Ou seja, todo esse currículo demonstra que João Menna entende sobre como o *operator* pode ser peça chave na criação de uma narrativa poderosa.

Para além de sua trajetória profissional, também é importante salientar aqui o próprio posicionamento político do fotógrafo. De acordo com o *Globo*, João Menna conta que foi o idealizador do retrato em questão, que se tornou pauta a partir de um acordo feito com o filho do ex-presidente, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP). Nessa mesma entrevista, Menna confessa que seu interesse por retratar Jair Bolsonaro existe desde 2019 e ainda adiciona que “Querida colocar aquela imagem na história, fazer um retrato à sua altura”.⁶

Acompanhado dessa iniciativa, o posicionamento político também pode ser percebido por meio da legenda da postagem do retrato nas redes sociais de Menna. Para exemplificar, um trecho de destaque, nesta publicação, é “Bolsonaro provou para o povo brasileiro, que ser líder é estar nas trincheiras de peito aberto, caminhando com a verdade, arriscando a própria vida”.

Tendo em vista a situação que Bolsonaro vivenciava, a fotografia, que foi a público em um momento estratégico, consegue realizar uma espécie de recorte e repassar ao público a mensagem ideal para favorecer a imagem do político. Para isso, os detalhes técnicos não podem passar despercebidos pelas lentes do fotógrafo. Desde detalhes da composição fotográfica, como ângulo, iluminação e enquadramento, a

⁶ Disponível em:

https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/07/fotografo-que-registrou-bolsonaro-sem-camisa-cobra-a-partir-de-r-135-mil-conheca-joao-menna_ghtml Acesso em: 15 ago.2023.

aspectos que dizem respeito ao posicionamento do modelo diante da câmera, fazem a diferença na construção do produto final.

O objeto fotográfico: Jair Bolsonaro

A fotografia é composta de diferentes cargas simbólicas. Seguindo a semiótica de Barthes (1990), esse tópico busca desvendar o objeto fotografado, ou seja, o *spectrum*. Barthes (1990) explica que o fotógrafo tenta encontrar o melhor ângulo e enquadramento. Alguns procedimentos, como a (1) trucagem, (2) pose, (3) objeto, (4) fotogenia, (5) esteticismo, (6) sintaxe, são adotados no processo de captura da imagem, podendo provocar interpretações conotativas. A trucagem (1) é uma espécie de montagem, criando-se uma imagem conforme o interesse de quem edita. Muitas das vezes, a mensagem fotográfica altera, isso devido ganhar elementos que não estavam presentes. Essa técnica é utilizada para fundir duas imagens e formar uma só. A posição do modelo é denominado como pose (2), o fotógrafo pode dirigir como quiser. Elas podem transmitir alguns tipos de mensagens para os receptores, assim, é possível atribuir significados com essa técnica para transmitir uma ideia ou até mesmo um sentimento. O objeto (3) é o elemento que dispõe de algum significado presente na imagem. Barthes (1990) exemplifica que alguns itens já dispõe de uma associação involuntária, como a biblioteca que remete ao intelectual. O autor ressalta que a conotação surge dos elementos com significância, capturadas como se fosse uma cena espontânea. Porém, muitas vezes esses objetos são dispostos estrategicamente.

A manipulação da fotografia ou “embelezamento” é chamada de fotogenia (4). Para isso, utilizam-se técnicas de alterar a iluminação, contraste, cor, entre outros. Na atualidade, esse processo é facilitado pela tecnologia, sendo bastante utilizado antes da publicação de uma imagem. O esteticismo (5) é um processo da fotografia que se aproxima da arte, geralmente da pintura, cujo caráter artístico pode ser atribuído a semelhança com uma obra. Para Barthes (1990) vários elementos ou até mesmo fotografias podem formar uma sequência, fazendo com que seja atribuído outro significado a mensagem, assim, os mesmos separadamente vão causar outra interpretação. Esse processo de encadeamento de elementos é chamado de sintaxe (6).

Na fotografia feita por João Menna é possível analisar esses processos de conotação. A trucagem (1) nesta fotografia não se encontra precisamente como uma

montagem, e sim, somente no enquadramento. Foi utilizado o plano americano/plano de três quartos, ou seja, quando fotografa o modelo acima do joelho. O ex-presidente aparece em um fundo preto, com a iluminação centralizada, de forma que aparece o corpo nitidamente. Jair Bolsonaro aparece sentado em um banco de madeira, com as mãos em cima do joelho, sem camisa, com calça preta, relógio, pulseira e aliança. O olhar é direcionado para a objetiva.

A pose (2) indica confiança, a coluna ereta com as mãos apoiadas no joelho mostra tranquilidade e certeza. O olhar direto em direção a câmera indica segurança, e nos indica que Bolsonaro está à vontade diante das câmeras. No entanto, é possível observar também que o olhar aparenta cansaço. Os olhos baixos, e a expressão do rosto, boca cerrada em um ângulo de 180 graus, completam essa percepção.

Aparecem diferentes objetos (3) nesta fotografia, mas primeiramente é importante destacar a ausência de blusa, expondo a cicatriz da facada. Normalmente, deixar marcas como essa em evidência transmite força, nesse caso, por ser um acontecimento que antecedeu o pleito à presidência, essa mensagem pode apresentar também um significado de uma pessoa destemida, que venceu a facada, venceu as cirurgias e os obstáculos posteriores. Alguém que superou a morte e passou bem perto dela.

A respeito da cor da roupa utilizada pelo ex-presidente, é importante fazer uma consideração. Rauber e Almeida (2016) explicam que as cores dispõem de uma variada carga de significados e possibilitam diversos sentimentos, proporcionando sensações diferentes para quem as admira ou as utiliza. Apesar de já estarem sendo utilizadas há muito tempo, recentemente aumentaram os estudos para compreender suas significações, emoções e o sentido delas nas representações e nos produtos, agregando ainda mais valor a uma imagem, sem haver necessidade de palavras.

É tamanha a expressividade das cores que ela se torna um transmissor de ideias, tão poderoso que ultrapassa fronteiras espaciais e temporais. Não tem barreiras nacionais e sua mensagem pode ser compreendida até por analfabetos (FREITAS, 2007, p. 1).

O psicólogo Wilhelm Wundt (1832-1920) no site SIMBOLOGIA 2014, separou as cores em blocos, com objetivo de designar as sensações que as mesmas trariam às pessoas. Elas foram divididas em tons quentes, frios e neutros. As cores quentes foram ligadas ao fogo, por remeterem ao calor e ao movimento, indo do vermelho ao amarelo. Já as tonalidades mais frias são consideradas tranquilizantes. Tendo relação direta com a

água, elas significam transparência, e variam entre violeta e verde. Existem também as cores neutras, que incluem o branco, preto e cinza. As cores “absolutas” como são chamadas o preto e o branco, são constituídas pela soma e a ausência de todas as cores.

O que se observa, portanto, é que as cores têm um grande peso na qualidade e na objetividade do que se deseja alcançar. Mas algo que precisa ser considerado é que são muitas as pessoas que não reconhecem o significado que cada cor representa, mas são facilmente interpelados pelas mesmas e tomados pela sensação que elas trazem. Farina, Perez e Bastos (2006), complementam que as cores exercem uma ação tripla sob cada indivíduo, “a de impressionar, a de expressar e a de construir”.

Na fotografia em análise, Bolsonaro aparece sem camisa e de calça preta. No artigo "Psicodinâmica das Cores", Ana Freitas (2007) define a cor preta. Para ela, essa cor é "angustiante e expressiva". Ao ser fotografado com uma peça de roupa deste tom, a imagem de Bolsonaro também pode ser lida pelo significado de poder, absolutismo. O preto na fotografia funciona da mesma maneira que na moda, concedendo superioridade e afastamento do objeto/indivíduo que o contempla. Não aleatoriamente, é comum ver pessoas vestidas de preto em eventos de gala, por ser um sinal de classe. Essa cor de diferentes significados também é associada à força, angústia e à morte, o que complementa a marca da facada e reforça tais significações.

A pulseira, é a mesma utilizada desde o atentado ocorrido em Juiz de Fora, o material é de plástico, na cor azul com a escrita branca: “protegido pelo sangue – Apocalipse 12:11”. A mensagem bíblica demonstra sua crença no cristianismo, fortemente presente em toda sua campanha e seu mandato presidencial. O relógio preto, é um modelo básico, e mostra simplicidade. Mensagem esta que também foi um dos pilares do governo. Bolsonaro era constantemente retratado em seu exercício com camisa de time falsificada, comendo pastel em barracas de rua, assinando documentos com caneta esferográfica BIC. O banco de madeira é comum, facilmente encontrado em residências no Brasil. A aliança de ouro na mão esquerda indica o casamento, e a mensagem de família, algo bastante reforçado pelo personagem.

Pode-se perceber a fotogenia (4) na iluminação, que parece ser frontal, iluminando bem todo o rosto e o corpo. O contraste das cores evidencia as marcas do corpo, pelos, cabelo, e o banco de madeira. As cores aparecem bem vivas, principalmente, da pele, olho, cabelo, aliança e o banco. Essa fotografia, apesar de não

se assemelhar diretamente a alguma arte em específico, pode compreender o caráter do esteticismo (5) pelo fundo escuro, com o modelo em evidência, representando um sujeito humano, remetendo às pinturas de retratos do passado.

O encadeamento dos elementos nessa imagem situa-se nos objetos presentes, a modificação de qualquer um dos itens já pode causar outra interpretação, principalmente caso houvesse uma blusa, a ausência causa impacto. A junção de todos esses signos faz com que a sintaxe (6) se faça presente.

Os significados da fotografia pela ótica do espectador

Barthes ressalta que o instante fotografado é único, e que não ocorre novamente. “O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. (1984, p.13)”. As redes sociais fazem com que essa repetição mecânica aconteça por tempo indeterminado, retornando a imobilidade daquele momento passado.

O espectador muitas das vezes não possui o conhecimento técnico sobre a fotografia. A fotografia é imposta como um momento natural e espontâneo, mas, muitas vezes, não é. Essa crença do *spectator* causa uma interpretação diferente, por não compreender que o momento é arrumado conforme o interesse do fotógrafo.

O interesse do observador pela fotografia para Barthes (1984) vem de dois conceitos denominados como *Studium* e *Punctum*. O primeiro refere-se a interpretação do *spectator* segundo o seu conhecimento, ligado diretamente a questões culturais. A interpretação se baseia em análises mais racionais, podendo compreender as intenções do fotógrafo. Já o segundo, é ligado à maneira que a imagem toca o espectador, cada pessoa tem uma experiência, e às vezes essa sensação pode até mesmo mudar diante da mesma imagem. Nesse caso, o *studium* da fotografia de Jair Bolsonaro remete às análises feitas quando se vê a fotografia. Assim, o espectador interpreta conforme o conhecimento geral. E o *punctum*, aquilo que sensibiliza cada um.

Nos comentários da fotografia, encontram-se versões positivas e negativas, como: “Um legado, um herói que tentou por tudo lutar contra o sistema!”. Outros comentários chamam o ex-presidente de líder, herói, pai, patriota, histórico, etc.

Já nos comentários negativos encontra-se pessoas chamando Jair Bolsonaro de inelegível, vitimista e vergonhoso. “MAIS DE QUINHENTAS MIL PESSOAS

MORRERAM DEVIDO AO DESCASO DESSE SER D&SPR&Z!V&L” também há outros comentário como esse, que remete ao período da pandemia de Covid-19. Ao observar os comentários, é perceptível maior quantidade elogiando a sua trajetória enquanto presidente, isso também deve-se aos seguidores da rede social do fotógrafo, que compartilham de ideais políticos semelhantes. O observador interpretará consoante as perspectivas pessoais. Assim, a denotação tende a ser mais geral, e a conotação individual.

Considerações Finais

A partir da análise do retrato de Jair Bolsonaro, feito pelo fotógrafo João Menna, seguindo a teoria de Barthes, é possível compreender a fotografia como sendo, sim, uma mensagem complexa e, até mesmo, codificada. Longe da perfeição objetiva pela qual é tomada por uns e outros, a fotografia pode assumir diversos significados a partir de diferentes perspectivas e ser, inclusive, passível de manipulação e recorte. Para a produção de um material cujo objetivo é retratar uma das maiores figuras do Brasil, na atualidade, nenhum detalhe foge em um processo estratégico de representação e construção de imagem.

Compreender a estruturação e os efeitos que essa fotografia produz se torna possível mediante um olhar atento sobre o conceito de denotação (conteúdo analógico) e conotação (segundo sentido) e para as três figuras centrais, segundo Barthes: *operator* (quem fotografa), *spectrum* (o fotografado) e *spectator* (público receptor).

Dessa forma, tem-se no *operator*, o fotógrafo, um dos pontos-chave na criação da mensagem que uma imagem carrega. No caso do retrato analisado, João Menna corrobora na criação de uma narrativa favorável a Jair Bolsonaro, uma vez que o profissional já tem experiência no que tange *branding*, semiótica e ainda compartilha de ideologias semelhantes às do ex-presidente. E, para delimitação de tal mensagem, ambos *operator* e *spectrum* utilizam de diversas estratégias fotográficas. O retrato foi a público em um momento específico: no dia em que Bolsonaro foi declarado inelegível. Dessa forma, todos os pormenores colaboraram para o desenvolvimento de uma narrativa contrastante a notícia, que, dessa forma, coloca Jair Bolsonaro como um personagem heróico e respeitoso. A interpretação do *spectator*, diante disso, é variável e corresponde às experiências pessoais de cada um que recebe a fotografia. Porém, é possível dizer que

o conjunto de signos utilizados para a produção da mensagem influencia diretamente na forma como ela é lida pelo receptor.

REFERÊNCIAS

A cor simplificada: **SIMBOLOGIA**. 2014. Disponível em: <<http://acorsimplificada.com.br/simbologia/>>. Acesso: 15 ago 2023.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: Notas sobre a fotografia. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Tradução: Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DAHLKE, Rüdiger. **Mandalas**: formas que representam a harmonia do cosmos e a energia divina. São Paulo: Pensamento, 2007.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FARINA, Modesto, PEREZ, Clotilde, BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5a ed. ver. e ampl. São Paulo: Edgar Blücher, 2006.

FREITAS, Ana Karina Miranda de. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: ISCA Faculdades, 2007.

MARANHÃO, Cristina. **O poder da imagem fotográfica: uma análise das imagens de Luiz Inácio Lula da Silva durante as campanhas presidenciais de 1989 e 2002, publicadas nas revistas Veja e IstoÉ**. Revista Brasileira de Marketing, São Paulo, vol. 7, núm. 1, p.13-22, 2008.

PACHECO, Carlos. **Veja FHC, Veja Lula: análise dos discursos de capa da revista Veja sobre os dois candidatos à presidência**. Revista Anagrama, São Paulo, Ano 1, Ed. 3, mar/mai. de 2008.

RAUBER, Fabiana. **Os sentidos e as sensações**: o estudo das cores na fotografia publicitária. 2016.

RODRIGUES, A D. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **A semiótica das fake news**. Verbum. v. 9, n. 2, p. 09-25, 2020.

SCHWARTZENBERG, R. **O Estado espetáculo**: Ensaio sobre e contra o star system em política. Círculo do Livro. São Paulo: 1977.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TUCHMAN, G. **A objetividade como ritual estratégico**. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.). **Jornalismo, questões teóricas e estórias**. Lisboa: Vega, 1993.